

## Haikai, poesia das estações

Edson Kenji Iura  
kakinet@gmail.com

Palestra proferida durante o 23º Encontro Brasileiro de Haikai (São Paulo, 05/11/2011)

Reclamamos que, em cidades como São Paulo, há quatro estações num só dia, e que faz frio na primavera e calor no inverno. Cabe lembrar que as estações foram inventadas pelo homem, mas este, aparentemente não avisou a natureza. É por isso que levamos tantos sustos. Como invenção do homem, era de se esperar que ele emprestasse contornos humanos a cada uma das estações, estabelecendo analogias que foram exploradas pela poesia. O haikai é exemplo de poesia totalmente fundamentada no caráter das estações.

### 1. A origem das estações

No início, o homem apenas coletava e caçava, e por isso vivia apenas o presente, sem ter certeza do futuro. Com a invenção da agricultura, ele descobriu que podia plantar, colher e armazenar comida para os momentos de escassez. Logo percebeu também que havia épocas certas para semear.

Para se planejar, o homem inventou o calendário, que tinha a duração de um ano e que, ao ajudá-lo a contar os dias e a perceber a passagem do tempo, também servia para marcar as épocas boas para semear, colher e armazenar seus alimentos, ou simplesmente descansar, esperando por dias melhores. Repartiu o calendário em épocas às quais deu o nome de estações.

Estação vem do latim *statione*, e quer dizer parada ou estada. Pode ser uma estação de trem, ou uma estação da Via Crucis. No caso das estações do ano, não é a Natureza que estaciona. É o homem que estabelece pontos de referência artificiais, em sua jornada ao longo do ano, onde ele “estaciona” para observar a Natureza. Ele verificou que certas características de clima, calor ou frio se repetiam regularmente, em determinadas épocas, e a essas deu o nome de estações do ano.

Os nomes das estações, primavera, verão, outono e inverno, foram atribuídos pelos romanos. No início, eram apenas duas: *ver* ou *veris*, o bom tempo, das flores e dos frutos, e *hiems* ou *hibernus tempus*, o mau tempo, de chuva e frio. Aos poucos, a estação boa foi dividida em três partes: *primo vere* (primavera, o começo do bom tempo), *veranum tempus* (verão, o auge da boa estação) e *aestas* ou *aestivum* (estio ou estiagem, de tempo mais seco). Quanto à estação má, foi dividida em *tempus autumnus* (outono, tempo da colheita) e *tempus hibernus* (inverno, a má estação).

Este sistema de cinco estações, primavera, verão, estio, outono e inverno, foi usado até o século 16. A partir do século 17, achou-se mais interessante dividir o ano em quatro partes iguais, de três meses cada uma, separadas pelos equinócios (momento em que a duração do dia se iguala à da noite) e solstícios (momento em que ocorre o dia mais longo ou a noite mais longa). Para fazer isso, unificaram o estio com o verão, formando um sistema de quatro estações, primavera, verão, outono e inverno, que é usado até hoje. Cabe lembrar que as estações nos Hemisférios Norte e Sul são opostas. As datas de início podem variar um pouco de ano para ano.

Data de início	Hemisfério Norte	Hemisfério Sul
21 de março (equinócio)	Primavera	Outono
21 de junho (solstício)	Verão	Inverno
23 de setembro (equinócio)	Outono	Primavera
21 de dezembro (solstício)	Inverno	Verão

## **2. O que dizem as estações**

Através do calendário, o homem dividiu o ano em quatro partes iguais, às quais deu o nome de estações. Como dissemos, trata-se de uma divisão artificial. Mas, mesmo dentro dessa artificialidade, o homem percebia que a Natureza apresentava um aspecto diferente a cada estação, sendo que cada uma era propícia a um certo tipo de atividade. O homem logo refletiu sua própria condição nas estações que ele mesmo inventou, transformando-as em metáforas de sua própria vida. Vamos resumir as características de cada estação.

Primavera: início do tempo bom, em que a natureza desperta de sua letargia, e tudo que parecia estar morto ressurgiu renovado. É a estação do recomeço e da alegria: a temperatura amena, as folhas voltando às árvores, flores e pássaros em todo lugar. O homem descobre que é uma época boa para semear, pois tudo o que planta brota e cresce. A fertilidade da natureza ensina também o desejo amoroso entre as pessoas, e por isso a primavera é considerada a estação do amor. Filhotes de animais estão em todos os lugares, e por isso a primavera é também a estação da infância.

Verão: o tempo bom prossegue e atinge o auge. É a estação do sol. A natureza mostra toda a sua exuberância e até seu exagero. As noites ficam mais curtas. O sol está abrasador, a folhagem está luxuriante, as cigarras parecem explodir de tanto cantar. Por outro lado, insetos e pragas invadem as casas dos homens e a comida deixada na mesa se estraga rapidamente. Para o homem, é hora de capinar a lavoura, eliminando as ervas daninhas. O verão corresponde à idade adulta.

Outono: A força da natureza parece refluir. As manhãs e as tardes ficam cada vez mais frias. As folhas começam a perder o viço e cair. Por outro lado muitas árvores estão carregadas de frutos. É a época de colher o que foi plantado na primavera. A metáfora do tempo de colheita aplica-se à vida humana, apontando a velhice como o outono da vida. Pode ser uma época de fartura e felicidade, mas também pode ensinar a reflexão daquilo que o homem poderia ter sido, mas não foi. É uma época de melancolia e saudade. Como na parábola do joio e do trigo, é apenas na colheita que se separarão os bons dos maus.

Inverno: A natureza se fecha de vez. As árvores sem folhas parecem mortas. As noites são longas, o frio pode trazer a neve, e é impossível plantar qualquer coisa. Os animais, entocados, desaparecem, e assim as pessoas também se recolhem, à espera da volta do bom tempo. Caso elas não tenham estocado víveres, como resultado de colheitas ruins ou imprevidência, elas poderão até perecer. Como na fábula, o inverno pode significar uma época de descanso e quietude, como acontece com a formiga providente, ou de escassez e de proximidade da morte, como sentiu a cigarra perdulária.

O homem gostou tanto do simbolismo das estações que passou a usá-lo na sua poesia, e isso independentemente de estar num lugar de clima temperado ou tropical. Em qualquer lugar, seja no sertão do nordeste, ou na floresta amazônica, os poetas vão encontrar momentos de primavera, verão outono e inverno. Os valores das estações são universais.

## **3. O haicai e as estações**

Descobrimos os valores simbólicos das estações, que podem ser usados na poesia. Mas existe um gênero poético que se apoia totalmente no diálogo do homem com a natureza ao constatar a passagem das estações. É o haicai.

No Japão, onde surgiu, o haicai sempre dava um jeito de citar o local e a época em que foi escrito. Isso quer dizer que era o relato de um momento particular, como uma foto de lembrança. As

palavras usadas para descrever a época passaram a ser conhecidas por *kigo*, que quer dizer simplesmente palavra de estação. Como exemplos de kigos no Brasil, temos o ipê e o sabiá na primavera, a cigarra e o Carnaval no verão, a paineira e o orvalho no outono, a geada e as festas juninas no inverno.

A partir de Bashô (1644-1694), o kigo passou a ser usado como uma ferramenta para ligar a experiência particular do haicai com as forças de mudança e renovação da natureza. Enfim, o kigo tornou-se um meio para conectar o particular com o universal, o objetivo de toda a poesia.

Um kigo não é apenas um fenômeno ligado a uma estação. Ao construir uma ponte com a natureza, o kigo permite recriar, de forma sintética, uma ambientação para o poema e uma teia de relações poéticas. Vamos ver como isso funciona através de alguns exemplos.

No banco da praça  
namorados trocam beijos—  
Canta o bem-te-vi.  
(Alberto Murata)

Uma cena comum, de um casal de namorados sentado em um banco de praça. Por outro lado, o bem-te-vi é um kigo de primavera. Logo, imaginamos um dia de sol e temperatura agradável, que favorece atividades ao ar livre. Podemos imaginar muita gente fazendo seus exercícios, passeando com seus filhos, lendo ou fazendo piquenique sobre a grama. Entretanto, o casal permanece totalmente alheio ao movimento e se concentra em carícias mútuas. A primavera é a estação do amor, portanto o clima é totalmente favorável à paixão. Não sabemos de que tipo de casal se trata, se adolescentes, idosos ou homossexuais. Isso fica por conta de nossa imaginação. O nome do bem-te-vi é uma onomatopeia de seu canto. Não é um canto melodioso. É um tipo de grito estridente, que transforma esse pássaro no bisbilhoteiro da natureza, lembrando-nos de que sempre há pessoas observando o que estamos fazendo, haja vista o sucesso dos *reality shows*. Muitos passam indiferentes pelo casal, mas há quem se incomode, julgando ser uma imoralidade trocar carícias em público, assim como há os solitários que suspiram, lamentando não terem um parceiro com quem dividir um banco de praça.

Noite de insônia—  
Perambulo pela varanda  
contando vagalumes.  
(João Tolo)

Nosso poeta está de pé certa noite, sem conseguir dormir. Ele sai de casa e fica na varanda, tomando ar fresco e contando os vagalumes que aparecem como pontos luminosos cortando a escuridão. Os vagalumes são kigos de verão. Podemos imaginar que é uma noite quente e curta de verão. Nessa época, as pessoas aproveitam para ficar acordadas até tarde, conversando animadamente ou vendo TV. Muitos vão passear, e as ruas estão sempre movimentadas. Mas quando fica realmente muito tarde, todos vão dormir, exceto o autor. Este fica se revirando na cama, empapado de suor e, a certa altura, resolve se levantar, escapando do quarto abafado. O problema do verão não é tanto o calor dos dias. São as noites abafadas, que tornam o sono penoso. Há gente que aproveita para dormir no quintal, talvez estendendo uma rede. O autor, ao invés de contar carneiros na cama, resolveu contar vagalumes na varanda. Vagalumes não são comuns na cidade, portanto podemos imaginar que a casa se situe no interior, talvez numa chácara ou sítio. Mas pode haver outro motivo por trás dessa insônia, como um grande problema. Para esse caso, a luminosidade tênue de um vagalume em meio às trevas carrega o simbolismo de esperança e redenção frente às maiores dificuldades.

Apagando o risco  
de giz neste quadro-negro—  
Estrela-cadente.  
(Sergio Dal Maso)

Estrela cadente é um kigo de outono, estação em que o ar fica mais seco, depois das chuvas do verão e, portanto, é mais fácil ver os diversos fenômenos astronômicos. A lua fica mais bonita e definida, e o céu fica mais estrelado. É boa época para ver a Via Láctea, e, de vez em quando, as estrelas cadentes. Elas são, na verdade, meteoros, pedaços de outros corpos celestes que ficam vagando pelo espaço e de vez em quando entram na atmosfera. Quando isso acontece, eles se incendiam devido ao atrito com o ar e deixam um rastro luminoso. O outono é um tempo de reflexão e introspecção e, por extensão, é bom para estudar. O autor vislumbra a estrela cadente. Talvez seja um idoso se lembrando dos tempos escolares. O risco de giz representa a estrela cadente e o ato de passar o apagador remete à sua trajetória fugaz. A rapidez com que a estrela cadente aparece e depois desaparece remete à própria vida humana, ela mesma tão breve. A crença popular diz que devemos fazer um desejo ao avistar uma estrela cadente. Será que os desejos da juventude desse idoso se realizaram?

A noite se arrasta—  
De vez em quando uma tosse  
do guarda noturno.  
(Tânia D'Orfani)

O kigo é tosse. Dizem que a gripe de verão é a pior de todas. Entretanto, estatisticamente, é no inverno que os ambulatórios estão mais cheios de gente sofrendo com afecções respiratórias. Por isso, tosse é um indicativo de inverno. Nas noites de inverno ninguém fica pelas ruas, a não ser aqueles que precisam trabalhar, como o guarda noturno. No frio, as ruas ficam mais silenciosas, por isso a tosse do guarda noturno se ouve mais claramente. A autora percebe o guarda em sua ronda, se aproximando cada vez mais, depois se afastando até desaparecer, tudo através do volume da tosse. Depois de uma meia hora, começa tudo de novo. A autora talvez esteja solitária em sua casa, nessa noite fria e longa de inverno. Ela gostaria de ir lá fora e conversar com o guarda noturno, saber o porquê dessa tosse, se ele está se tratando e perguntar por sua família. Talvez lhe oferecesse um chá quente, aproveitando para lhe agradecer por permitir que ela durma tranquilamente enquanto ele cuida para que malfeitores fiquem afastados da vizinhança.

#### **4. O kigo é a essência do haikai.**

Vimos que, nos quatro exemplos anteriores, o kigo cria um vínculo do haikai com a natureza, o que expande o seu significado para além de uma simples anotação sobre o momento.

Além disso, quando incluímos um kigo num haikai, estamos dialogando com todos os poemas que usaram esse mesmo kigo, do passado até o presente. Estamos dialogando em dois níveis: um de relações horizontais, isto é, podemos compartilhar nossas experiências com todos os nossos colegas que usam o mesmo kigo, seja numa reunião para compor haicais, ou na coluna de haicais de um jornal; também estamos dialogando num nível vertical, ou seja, esse compartilhamento se aprofunda para incluir todos os poetas do passado que já usaram o mesmo kigo.

Fazendo uma analogia culinária, podemos pensar no caldo em tabletes, que contém o sabor concentrado da carne de boi, da galinha ou dos legumes, e permite ao cozinheiro emprestar esse sabor à sua comida de maneira prática. Esse caldo é concentrado e embalado em cubinhos, o que permite sua utilização simples e cômoda a qualquer momento em que o cozinheiro necessite.

Agora, pensemos num grande caldeirão, onde podemos cozinhar todos os poemas do passado. O caldo resultante, depois de apurado, concentra todo o entendimento poético que o homem acumulou ao longo dos tempos. Esse caldo nutritivo, que vem sob a forma de pequenos cubinhos chamados kigos, pode ser usado a qualquer hora e em qualquer lugar por qualquer um de nós, para invocar o valor dos grandes poemas do passado às nossas experiências particulares.

O kigo, além de ser útil como ferramenta para conectar a experiência do aqui e agora com as grandes forças da natureza, funciona como elo entre o passado e o presente, para estabelecer o vínculo da nossa experiência com a literatura de todos os tempos, realçando ainda mais a aspiração universalista do haikai.

## **Bibliografia**

FRANCHETTI, Paulo (org.). *Haikai: antologia e história*. 3ª. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. Prefácio. Em GOGA, H. Masuda e outros. *Haikai: a poesia do kigô*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1995.

GARCÍA TORTOSA, Francisco. Divertimento filológico sobre el otoño. *Estudios ingleses de la Universidad Complutense*, Madri, n.2, 1994. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/EIUC/article/viewFile/EIUC9494110033A/8515>. Acesso em 01/11/2011.

GRÊMIO HAICAI IPÊ. *Introdução ao haikai*. 2ª. ed. São Paulo: Edição dos autores, 2008.

\_\_\_\_\_. *Lua na janela*. São Paulo: Edições Caqui, 1999.

GURGA, Lee. *Haiku: A poet's guide*. Lincoln: Modern Haiku Press, 2003.

HIGGINSON, William J. *Haiku world: An international poetry almanac*. Tóquio: Kodansha, 1996.

\_\_\_\_\_. *The haiku seasons: poetry of the natural world*. Tóquio, Kodansha, 1996.

MORENO, Cláudio. *Origem das estações do ano*. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/sualingua/2009/04/30/origem-das-estacoes-do-ano/>. Acesso em 01/11/2011.

NIHIRA, Masaru. *Haiku o tsukurou (Vamos escrever haikai)*. Tóquio: Kodansha, 2000.

ODA, Teruko (org.). *Goga e haikai: Um sonho brasileiro*. São Paulo: Escrituras, 2011.

SHIRANE, Haruo. *Traces of dreams: Landscape, cultural memory, and the poetry of Bashô*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

## Apêndice: Estações na poesia brasileira

### As estações: canto e dança

Olavo Bilac

Em BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. RJ: Francisco Alves. 1929. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi01.htm>. Acesso em 01/11/2011

#### Primavera

Coro das quatro estações:

Cantemos! Fora a tristeza !  
Saudemos a luz do dia:  
Saudemos a Natureza !  
Já nos voltou a alegria !

A Primavera:

Eu sou a Primavera !  
Está limpa a atmosfera,  
E o sol brilha sem véu !  
Todos os passarinhos  
Já saem dos seus ninhos,  
Voando pelo céu.  
Há risos na cascata,  
Nos lagos e na mata,  
Na serra e no vergel:  
Andam os beija-flores  
Pousando sobre as flores,  
Sugando-lhes o mel.  
Dou vida aos verdes ramos,  
Dou voz aos gaturamos  
E paz aos corações;  
Cubro as paredes de hera;  
Eu sou a Primavera,  
A flor das estações !

Coro das quatro estações:

Cantemos! Fora a tristeza !  
Saudemos a luz do dia:  
Saudemos a Natureza !  
Já nos voltou a alegria !

#### Verão

Coro das quatro estações:

Que calor, irmãs ! Cantemos  
Como ardem as ribanceiras  
Cantemos, irmãs, dancemos,  
À sombra d'estas mangueiras

O Verão:

Sou o Verão ardente,  
Que, vivo e resplendente,  
Acaba de nascer;  
Nas matas abrasadas,  
O fogo das queimadas  
Começa a se acender.  
Tudo de luz se cobre ...  
Dou alegria ao pobre;  
Na roça a plantação  
Expandem-se, viceja,  
Com a vinda benfazeja  
Do provido Verão.  
Sou o Verão fecundo !  
Nasce no céu profundo  
Mais rútilo o arrebol ...  
A vida se levanta ...  
A Natureza canta ...  
Sou a estação do Sol !

Coro das quatro estações:

Que calor, irmãs ! Cantemos  
Como ardem as ribanceiras  
Cantemos, irmãs, dancemos,  
À sombra d'estas mangueiras.

Coro das quatro estações:

Há tantos frutos nos ramos,  
De tantas formas e cores!  
Irmãs ! enquanto dançamos,  
Saíram frutos das flores!

O Outono :

Sou a estação mais rica:  
A árvore frutifica  
Durante esta estação;  
No tempo da colheita,  
A gente satisfeita  
Saúda a Criação,  
Concede a Natureza  
O premio da riqueza  
Ao bom trabalhador,  
E enche, contente e ufana,  
De júbilo a choupana  
De cada lavrador.  
Vede como o galho,  
Molhado inda de orvalho,  
Maduro o fruto cai ...  
Interrompendo as danças,  
Aproveitai, crianças!  
Os frutos apanhai!

Coro das quatro estações:

Há tantos frutos nos ramos,  
De tantas formas e cores!  
Irmãs ! enquanto dançamos,  
Saíram frutos das flores!

Coro das quatro estações:

Cantemos, irmãs, dancemos!  
Espantemos a tristeza!  
E dançando, celebremos  
A glória da Natureza!

O Inverno:

Sou a estação do frio;  
O céu está sombrio,  
E o sol não tem calor.  
Que vento nos caminhos!  
Tragos a tristeza aos ninhos,  
E trago a morte à flor.  
Há nevoa no horizonte,  
No campo e sobre o monte,  
No vale e sobre o mar.  
Os pássaros se encolhem,  
Os velhos se recolhem  
À casa a tiritar.  
Porém fora a tristeza!  
Em breve a Natureza  
Dá Flores ao jardim:  
Abramos a janela!  
Outra estação mais bela  
Já vem depois de mim.

Coro das quatro estações:

Cantemos, irmãs, dancemos!  
Espantemos a tristeza!  
E dançando, celebremos  
A glória da Natureza!

### **Cântico à natureza (As quatro estações do ano)**

Samba enredo de 1955 da Estação Primeira de Mangueira  
Alfredo Português, Jamelão e Nelson Sargento

Disponível em <http://www.estacaoprimeira.org/mangueira/multimedia/sambas-enredo/>. Acesso em 01/11/2011.

Brilha no céu o astro-rei  
Com fulguração  
Abrasando a terra  
Anunciando o verão  
Outono  
Estação singela e pura  
É a pujança da natura  
Dando frutos em profusão  
Inverno  
Chuva, geada e garoa  
Molhando a terra  
Preciosa e tão boa  
Desponta  
A primavera triunfal  
São as estações do ano  
Num desfile magistral  
A primavera  
Matizada e viçosa  
Pontilhada de amores  
Engalanada, majestosa  
Desabrocham as flores  
Nos campos,  
Nos jardins e nos quintais  
A primavera  
É a estação dos vegetais  
Oh! primavera adorada  
Inspiradora de amores  
Oh! primavera idolatrada  
Sublime estação das flores